

issn: 2176-5960



Προμηθεύς  
journal of philosophy



n. 35 January/April 2021

## OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS E VÍCIOS INTELLECTUAIS

David Velanes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo evidencia a noção de *obstáculo epistemológico*, de Gaston Bachelard, e o conceito de *vícios intelectuais*, de Quassim Cassam, a fim de demonstrar que ambos os conceitos se relacionam entre si, na medida em que remetem a condições psicológicas do sujeito epistêmico. Entretanto, como a noção bachelardiana se desdobra em duas origens, a saber, a psicológica e a social, sustentamos que os *vícios* estabelecem relações com a primeira, e que favorecem a uma melhor especificação a respeito dos *modos* pelos quais os *obstáculos* podem assumir na busca do conhecimento. Também consideramos que se Bachelard, por um lado, limitou suas análises ao sujeito das ciências e Cassam, por outro, ao sujeito da vida comum, seus estudos se complementam, porquanto ampliam o campo de investigação acerca das dificuldades que permeiam o processo de aquisição do saber em diferentes domínios.

**PALAVRAS-CHAVES:** Epistemologia. Conhecimento. Obstáculos epistemológicos. Vícios intelectuais.

**ABSTRACT:** This paper highlights Gaston Bachelard's notion of *epistemological obstacle* and Quassim Cassam's concept of *intellectual vices* in order to demonstrate that both concepts are related to each other as they refer to the psychological conditions of the epistemic subject. However, as the Bachelardian notion unfolds into two origins, namely, psychological and social, we argue that vices establish relationships with the first, and that they favor a better specification of the *ways* in which obstacles may take in the search of knowledge. We also consider that if Bachelard, on the one hand, limited his analysis to the subject of the sciences and Cassam, on the other hand, to the subject of ordinary life, his studies complement each other, as they broaden the field of investigation about the difficulties that permeate the process of acquiring knowledge in different domains.

**KEYWORDS:** Epistemology. Knowledge. Epistemological obstacles. Intellectual vices.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia, Brasil (2017).

## INTRODUÇÃO

É possível constatar, nos debates filosóficos contemporâneos, uma grande discussão acerca da ideia segundo a qual existem fatores subjetivos que atrapalham a busca do conhecimento. Não obstante, este problema não é atual. Se remontarmos ao século XVII, às ideias de Francis Bacon (1561-1626), podemos encontrar, no *Novum organum* (1620), uma clara preocupação a respeito de como determinados aspectos subjetivos podem entravar o saber.

A essas dificuldades Bacon chamou de *ídolos*<sup>2</sup>, que permeiam a mente humana e não só entravam o acesso à verdade, mas também podem “(...) ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam” (BACON, 1999, p. 39). Não seria, porém, difícil de encontrar esse tipo de preocupação entre outros filósofos na história do pensamento, ainda que cada um deles tenham contextos distintos como base de suas reflexões.

Na primeira metade do século passado, em 1938, Gaston Bachelard (1884-1962) publicou a obra *La formation de l'esprit scientifique*, pela qual ele denuncia os obstáculos, como condições psicológicas e sociais, que interferem na descoberta de conceitos fundamentais para o avanço do saber científico.

Bachelard edificou sua epistemologia perante a renovação epistêmica causada pelo advento das geometrias não euclidianas, da teoria da relatividade e da mecânica quântica, acentuando os problemas que podem ser causados pelas noções científico-filosóficas de outrora que se apresentaram infecundas para explicar os fenômenos dessas ciências. Dessa maneira, as ideias bachelardianas chamam à atenção para a assimilação e subjetivação dos conceitos do passado pelo sujeito do conhecimento, no qual podem se formar hábitos intelectuais de explicações que não têm lugar nas ciências do *novo espírito científico*.

Mais atualmente, Quassim Cassam (1961- atual) publicou a obra *Vices of the mind* (2018), precedida de seu artigo *Vice epistemology*, de 2016, no qual o autor

---

<sup>2</sup> No *Novum organum*, Bacon destaca e caracteriza quatro gêneros de *ídolos*, quais sejam, os *ídolos da tribo*, os *ídolos da caverna*, os *ídolos do foro* e os *ídolos do teatro*. Cf. F. Bacon (1999, p. 40-50).

estabelece suas teses fundamentais<sup>3</sup> acerca dos *vícios intelectuais* que permeiam a vida intelectual dos seres humanos enquanto agentes epistêmicos dificultando-lhes um desempenho responsável e eficaz na investigação do conhecimento.

Diferentemente dos autores anteriormente citados, Cassam parte de outra problemática, mais específica dos tempos hodiernos, nos quais os seres humanos se encontram marcados pelo fenômeno da globalização e pelo excesso e variedade de informações a que são expostos. Esses fatos exigem do agente conhecedor, de modo geral, um desempenho epistêmico que possa contribuir na constituição de critérios de julgamento das fontes pelas quais se adquire conhecimento e que favoreçam à justificação de suas crenças.

Este trabalho evidencia a noção de *obstáculo epistemológico* de Bachelard, em sua obra de 1938, e a noção de *vícios intelectuais* de Cassam, em seu artigo já citado. Com base nas considerações dos dois autores argumentamos que ambos os conceitos se relacionam entre si, na medida em que remetem a condições psicológicas do sujeito epistêmico. Entretanto, como essa noção bachelardiana se desdobra em duas origens, a saber, a psicológica e a social, sustentamos que os *vícios* estabelecem relações com a primeira e que favorecem a uma melhor especificação a respeito dos *modos* pelos quais as origens psicológicas dos *obstáculos* podem assumir na busca do conhecimento.

Ademais, também consideramos que se Bachelard, por um lado, limitou suas análises ao sujeito das ciências e Cassam, por outro, ao sujeito da vida comum, seus estudos se complementam, na medida em que ampliam o campo de investigação acerca das dificuldades que permeiam o processo de aquisição de conhecimento em diferentes domínios.

## 1. OS OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS

Bachelard (1977, 1983), destaca as dificuldades concernentes ao descobrimento de noções fundamentais para o saber objetivo. Em *La formation de l'esprit scientifique* (1938), ele não somente apresenta o conceito de *obstáculo epistemológico*, como também os caracteriza: os *obstáculos gerais*, o realismo e o idealismo, quando tomados

---

<sup>3</sup> Por esse motivo, neste trabalho, tomaremos como referência de análise o artigo citado, e não a obra de 2018.

antagonicamente como formas inquestionáveis de conhecer a realidade, e os *obstáculos particulares*, que são formas mais especificadas dos gerais (cf. Bulcão, 2009, p. 57), quais sejam, a *experiência primeira*, o *conhecimento geral*, o *obstáculo verbal*, o *substancialismo*, o *conhecimento unitário e pragmático*, o *obstáculo animista* e o *obstáculo ao conhecimento quantitativo*.

Os *obstáculos* são produtos do uso habitual de ideias pelas quais o sujeito interpreta a realidade. O uso constante e sem a crítica pode sedimentar determinados conceitos na cultura científica que os tornam referências inquestionáveis na compreensão dos fenômenos. Como há uma relação intrínseca entre os aspectos sociais da cultura científica e os aspectos psicológicos dos sujeitos que nela participam, Bachelard (1977) explica que para analisar os *obstáculos* que se opõem ao saber objetivo é preciso levar em conta o homem em seu sentido integral, com a sua pesada carga de tradição e de inconsciência.

Em sua obra *L'engagement rationaliste* (1972), Bachelard evidencia de que modo os padrões racionalistas se transformam em condições empíricas e psicológicas ao dizer que:

Deixando de ser ativo e consciente da criação de seus valores, o racionalismo se torna uma espécie de empirismo psicológico, um corpo de *hábitos*. É então necessário que o homem de ciência reaja contra o passado de sua própria cultura. (BACHELARD, 1972, p. 102).

Segundo Bachelard (1977), os *obstáculos* são imperativos funcionais, lentidões e conflitos que surgem no ato de conhecer e que causam inércia ou até regressos ao saber científico. Para ele, é fundamental compreender que as ciências apresentam mudanças conceituais, “bruscas rupturas” nas noções que contrariam as ideias do passado. Então, é preciso estar atento aos conhecimentos adquiridos por meio da tradição, na medida em que “hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entrar a pesquisa” (BACHELARD, 1977, p. 14). Isso significa que um conhecimento não questionado possibilita a formação de um *obstáculo epistemológico*.

Então, há uma necessidade de autovigilância do sujeito epistêmico para que este se torne consciente da atualidade das ideias, na medida em que os conceitos e os métodos de pesquisa nem sempre acompanham de imediato o desenvolvimento do saber científico. Para Bachelard (1999, 1977), na cultura científica não pode haver, portanto,

uma tendência de conservação. Até os métodos de pesquisas se tornam desatualizados. Com o tempo eles perdem fecundidade mediante as rupturas que ocorrem no interior do pensamento científico.<sup>4</sup>

Mas essas rupturas não são suficientes para aniquilar todas as ideias superadas. Dessa forma, acumulam-se, mediante o percurso histórico das ciências, uma pluralidade de conceitos no espírito científico no qual as novas noções permanecem juntas às velhas ideias. Assim, é possível falar de um *inconsciente do espírito científico* (cf. Bachelard 1997, p. 40, 1992, p. 15), pelo qual, mediante aspectos sociais que Bachelard pouco identificou, o sujeito pode assimilar ou subjetivar diversas noções com significações ultrapassadas e aplicá-las na interpretação dos fenômenos gerando perturbações na construção do conhecimento.

Bachelard (1983) faz uma análise histórica acerca do conceito de *massa* e traça seu *perfil epistemológico* (cf. Bachelard, 1983, p. 41-47), através do qual se evidencia as diversas conceptualizações com suas bases metafísicas que essa noção apresentou em seu desenvolvimento histórico, o que faz corresponder, na contemporaneidade, a uma pluralidade de significações coexistentes entre si<sup>5</sup>, designadas por um mesmo termo. Bachelard (1977) assevera que “numa mesma época, sob uma mesma palavra, coexistem conceitos tão diferentes! O que engana é que a mesma palavra tanto designa quanto explica. A designação é a mesma; a explicação é diferente” (p. 17). A não consciência do sujeito epistêmico dessa diversidade de significações pode gerar *obstáculos verbais*. (cf. *La formation de l'esprit scientifique*, cap. IV).

Segundo Bachelard (1977), determinadas noções podem persistir na cultura científica, ainda que quando ultrapassadas, pelo fato de se tornarem valorizadas subjetivamente pelo sujeito mediante a força da história, da tradição e de seus aspectos psicológicos. “Mesmo no novo homem, permanecem vestígios do homem velho. Em nós, o século XVIII prossegue sua vida latente; infelizmente, pode até voltar” (p. 7). Ainda, conforme o autor, existem ideias cuja persistência “(...) é resultante da aceitação

---

<sup>4</sup> Dedicamos um trabalho recente no qual apresentamos o método cartesiano como um sério obstáculo ao espírito científico contemporâneo. Ver D. Velanes (2017).

<sup>5</sup> Bachelard (cf. 1983, p. 42) diz que a noção de *massa* perpassou por diversas explicações metafísicas no decurso da história científica. Explicações fundamentadas sucessivamente por meio do *realismo ingênuo*, o *empirismo claro e positivista*, o *racionalismo newtoniano* ou *kantiano*, o *racionalismo complexo* e o *racionalismo dialético*.

cega de uma tradição profundamente arraigada” (p. 49). É dessa maneira que determinadas noções podem se configurar como *obstáculos epistemológicos*.

A tarefa de compreender os inéditos objetos científicos, como os que foram apresentados pela mecânica quântica no início do século XX, por meio de conceitos científicos do passado, trata-se de um trabalho delicado e que pode criar sérios entraves na investigação científica. Por exemplo, os conceitos científicos da mecânica clássica de *espaço e tempo* já não se adequam à nova realidade científica apresentada pela teoria da relatividade e pela mecânica dos quanta.

Na perspectiva bachelardiana é importante caracterizar a noção de *obstáculo epistemológico* como algo relevante para a epistemologia contemporânea, pois, segundo o filósofo francês, as ciências caminham pela superação de obstáculos. Assim, as ideias habituais, que podem ser aplicadas pelo sujeito da ciência no processo de construção do conhecimento, devem se romper epistemologicamente em vista de se adequar a atualidade da realidade científica.

## **2. OS VÍCIOS INTELLECTUAIS (OU EPISTÊMICOS)**

Cassam (2016) reconhece que a procura de como bem conduzir a investigação humana possui um passado histórico cujo objetivo central seria o de “melhorar nossa conduta epistêmica”, na medida em que se tornou claro que nossos desempenhos epistêmicos podem ser deficientes. Convém notar, porém, que a preocupação da epistemologia dos tempos de Descartes, Spinoza, Locke, conforme destaca Cassam (2016), Bacon e Bachelard, como nós acrescentamos na introdução deste trabalho, encontram-se voltadas não especificamente para o homem da vida comum, mas para um tipo mais específico de agente, o filósofo e o cientista.

Assim, podemos dizer que as discussões apresentadas pela “epistemologia dos vícios”, tal como aparecem no artigo *Vice epistemology* (2016), avançam em relação à epistemologia tradicional, uma vez que apresenta um campo de discussões que inclui e prioriza as condutas epistêmicas do homem da vida ordinária. Segundo Cassam (2016, p. 159), a “epistemologia dos vícios” se trata de um campo da epistemologia no qual se investiga a natureza, a identidade e os significados dos *vícios intelectuais* que se encontram ligados ao caráter pessoal de cada indivíduo, isto é, a traços psicológicos.

Os *vícios intelectuais* ou *epistêmicos* são estilos de pensamentos, ligados aos traços psicológicos do agente, que fundamentam as explicações que esses agentes oferecem acerca de suas crenças e assim revelam como pensam, raciocinam e investigam as coisas. Trata-se de hábitos do agente epistêmico em suas formas de pensar, investigar e avaliar evidências figurando modos explicativos intuitivos quando abordam novas hipóteses (Cassam, 2016). Com efeito, os *vícios intelectuais*, como elementos psicológicos, podem se manifestar tacitamente ou não e, dessa forma, atrapalham investigações responsáveis e eficazes na busca do conhecimento.

Concordamos com Santos (cf. 2018, p. 150) quando destaca que as ideias de “traços de caráter”, “investigação efetiva” e “investigação responsável”, estabelecidas por Cassam (2016), são problemáticas. Especialmente à ideia de traços de caráter que é pouco discutida pelo autor. Entretanto, aceitaremos as considerações de Cassam, a fim de alcançar o objetivo proposto neste trabalho.

Para Cassam (2016), uma investigação responsável é aquela que reconhece obrigações, como a de não ser negligente com as informações disponíveis. É um trabalho que se baseia em evidências e é cuidadosa a respeito do assunto investigado. “Um investigador responsável tem certa atitude em relação ao empreendimento de investigar, sabe o que ele está fazendo e possui as habilidades necessárias” (CASSAM, 2016, p. 166). Uma investigação eficaz é aquela que leva o agente ao conhecimento; os traços de caráter são modos psicológicos que orientam a busca e a avaliação de evidências. Assim, um indivíduo epistemicamente vicioso não é responsável e nem eficaz, porquanto seus traços de caráter dificultam a investigação e impedem o conhecimento.

Ademais, o autor explica que os *vícios epistêmicos* podem se apresentar em grupos, como elementos inter-relacionados que contribuem na produção de conhecimentos mal elaborados, isto é, um mesmo agente epistêmico tende a apresentar estilos viciosos de pensar que são solidários entre si, uma vez que possuem uma mesma base, que é a ignorância. Dessa forma, estilos viciosos de pensar como o dogmatismo ou “mente fechada”, o cinismo e a credulidade (ingênua), podem geralmente se encontrar interligados na mente de um mesmo indivíduo. Segundo Cassam (2016) “ser crédulo é um vício, e não uma virtude, porque ser facilmente enganado nos torna menos eficazes em descobrir as respostas para nossas perguntas e tentar entender os eventos que estamos tentando entender” (p. 165).

Além dos vícios supracitados, Cassam (2016) também destaca que o estilo de pensar de forma positiva, considerado por muitos autores como uma *virtude epistêmica*, pode, em determinados contextos, ser considerado como uma espécie de *vício*, bem como a atitude de um sujeito em ignorar evidências contrárias às suas próprias ideias. Para o autor, “(...) ignorar evidências contrárias, que não são em si um traço de caráter, é exatamente o tipo de coisa que se espera de alguém dogmático ou de mente fechada” (CASSAM, 2016, p. 165).

Similarmente a Cassam (2016), Battaly (2018) explica que a “mente fechada” apenas significa um *vício intelectual* quando se refere a uma *não disposição* do agente epistêmico em se envolver em situações nas quais suas ideias são confrontadas, revelando, desse modo, uma “(...) falta de vontade ou incapacidade de se envolver (seriamente) com opções intelectuais relevantes” (BATTALY, 2018, p. 2), mediante uma rejeição deliberada ou voluntária de informações que são contrárias às suas próprias ideias. Assim, conforme a autora, o que evidencia uma “mente fechada” como um *vício intelectual* não são os conteúdos das crenças do sujeito, mas a atitude pela qual ele se coloca em um processo de investigação.<sup>6</sup>

Outros estilos de pensamentos viciosos destacados por Cassam (2016), em concordância com Zagzebski (1996), são o preconceito genuíno, o orgulho intelectual, a negligência, a ociosidade, a covardia, a tendência ao conformismo, o descuido, a rigidez excessiva (preciosismo), a ilusão, a insensibilidade aos detalhes, a obtusidade e a falta de rigor. Podemos afirmar que há uma pluralidade de *vícios epistêmicos* que permeiam a mente, e que isso se deve ao fato da complexidade mesma da vida intelectual humana em suas relações com o contexto social, cultural e político no qual as pessoas se encontram inseridas.

Segundo Cassam (2016), a importância de se investigar os *vícios intelectuais*, como parte de um “novo” campo da epistemologia contemporânea, se justifica pelo fato de que os epistemólogos têm atribuído maior ênfase nos estudos a respeito das *virtudes intelectuais*<sup>7</sup>. Além do mais, para o autor, é imprescindível que se volte à atenção para o problema dos *vícios*, uma vez que estes, segundo ele, revelam-se como mais são importantes que as *virtudes epistêmicas* do ponto de vista epistemológico, desde que se

<sup>6</sup> Para um melhor aprofundamento acerca da ideia de “mente fechada” como *vício epistêmico*, ver H. Battaly (2018).

<sup>7</sup> Pode-se conferir os trabalhos de E. Sosa (2014), H. Kornblith (2016), F. Santos (2018) e C. Kelp (2019).



considere a real “situação epistemológica dos seres humanos”. Por conseguinte, identificá-los, especificá-los e estudá-los é a tarefa da “epistemologia dos vícios”, que “é a epistemologia dos seres humanos reais” (CASSAM, 2016, p. 176).

### 3. *VÍCIOS E OBSTÁCULOS*

Na introdução deste trabalho, ressaltamos que os conceitos de *vícios intelectuais* e *obstáculos epistemológicos* pertencem a problemáticas distintas. No entanto, nossa análise indica que as duas noções possuem um mesmo denominador comum, a saber, o problema relativo aos aspectos psicológicos do sujeito epistêmico que interferem não somente na busca, mas também no ato do conhecimento.

Bachelard (1977) e Cassam (2016) demonstram preocupações com os aspectos mais intrínsecos aos sujeitos que instituem sérios entraves ao conhecimento, ainda que em domínios diferentes das formas de conhecer. Assim, é possível notar que *vícios* e *obstáculos* são conceitos que se relacionam entre si e, de certa forma, complementam-se. Mas em qual sentido ambas as noções podem ser relacionadas?

É importante salientar uma distinção entre as ideias de Cassam e Bachelard, qual seja, o primeiro elabora seus estudos acerca dos *vícios* que se aplicam claramente aos agentes epistêmicos da vida cotidiana, enquanto o segundo realiza suas análises a respeito dos *obstáculos* à objetividade científica e que se encontram relacionados aos hábitos dos agentes epistêmicos das ciências.

Cassam (2016) atribui um olhar aos “vícios intelectuais mais ou menos perniciosos nas vidas cognitivas do dia a dia da maioria dos homens” comuns, e não aos agentes das comunidades científicas. O autor não discorre e nem fornece ilustrações a respeito de como os *vícios intelectuais* podem se manifestar nos domínios da atividade dos sujeitos que atuam nas ciências.<sup>8</sup> Bachelard (1977), por sua vez, não considera em suas análises epistemológicas o homem da vida comum, mas o indivíduo “diurno

---

<sup>8</sup> O personagem Oliver, criado por Cassam (Cf. 2016, p. 162-165), retrata o comportamento epistêmico típico do homem da vida cotidiana. Trata-se de um sujeito ingênuo que “(...) ignora evidências críticas *porque antes* é grosseiramente negligente, confia em fontes não confiáveis *porque* é ingênuo, tira conclusões precipitadas *porque* é preguiçoso e descuidado. Ele não é um investigador responsável nem eficaz, e é a influência de seus traços de caráter intelectual que é responsável por isso. É nesse sentido que esses traços impedem a investigação eficaz e responsável, que por sua vez é o que os torna vícios intelectuais e não virtudes” (CASSAM, 2016, p. 164).

racionalista” (cf. Bachelard, 1972, p. 47), que se encontra nos laboratórios científicos e resolve equações matemáticas, e no qual determinados fatores psicológicos são possíveis de surgir como sérios entraves ao conhecimento objetivo implicando atraso ou estagnação no progresso do saber.

Queremos saber se nas ciências podem existir indivíduos epistemicamente viciosos, isto é, não responsáveis e nem eficazes, cuja causa se encontra nas disposições psicológicas (ou de caráter) do agente epistêmico que dificultam a investigação e impedem o conhecimento.

Cabe notar que, ainda que as análises de Cassam (2016) não possam responder diretamente à questão acima, não podemos deixar de reconhecer que suas considerações permitem que sejam pensadas nos domínios das ciências, pois, segundo ele, todo processo de investigação se refere à “tentativa de descobrir as coisas e ampliar nosso conhecimento, realizando investigações direcionadas para responder a perguntas” (CASSAM, 2016, p. 174). Esses processos investigativos podem ser orientados de diversas formas, uma vez que se sobrepõem a diversos estilos de pensamento que se encontram presentes na vida intelectual do ser humano em geral.

Mas, então, como os *vícios epistêmicos* podem se manifestar na atividade científica? Acreditamos que as ideias de Bachelard contribuem para um entendimento dessa questão.

Bachelard (1977, p. 7) afirma que “(...) as forças psíquicas que atuam no conhecimento científico são mais confusas, mais exauridas, mais hesitantes do que se imagina”, e que na pesquisa científica é possível constatar provas “(...) da avareza do homem erudito que vive ruminando o mesmo conhecimento adquirido, a mesma cultura” e por isso, “(...) mesmo no espírito claro, há ainda zonas obscuras, cavernas onde continuam a viver os homens”.

Em *La formation de l'esprit scientifique* (1938), o filósofo francês ainda afirma que “(...) quando o espírito se apresenta à cultura científica, ele nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos” (p. 14). Diríamos, por nossa parte, que o espírito tem a idade de seus vícios.

A noção bachelardiana de *obstáculo epistemológico* é complexa e causa divergências de interpretações. Segundo Vadée (1975), os *obstáculos* são de ordem *psicológica* e *a-histórica*. Para Lecourt (1978), eles são de ordem *ideológica* e *social*. Concordamos com a interpretação de Bulcão (2009), para quem as duas posições

anteriores são complementares, ainda que “(...) a origem psicológica é a que mais está presente em Bachelard” (p.76).

É possível dizer, portanto, que as ideias supracitadas de Bachelard consistem em apenas uma das origens de sua noção de *obstáculo*, a psicológica, na medida em que esse conceito também corresponde aos aspectos ideológicos e sociais que interferem nas ciências. Mas, observemos que, de acordo com Bulcão (2009):

Embora haja em determinados momentos da obra [bachelardiana] uma referência indireta do ideológico na ciência, faltou a Bachelard aprofundar a relação do sujeito individual com o contexto em que vive a fim de mostrar os limites do psicológico e do social (p.76).

Ressaltemos que o artigo de Cassam apresenta a mesma deficiência quanto à origem dos *vícios epistêmicos*, isto é, como eles se formam na mente dos agentes. De qualquer modo, podemos inferir que a noção de *vícios intelectuais* encontra sua correspondência com o conceito de *obstáculo epistemológico* na origem psicológica dessa noção bachelardiana, visto que ambas se referem àquilo que é próprio das condições psíquicas do ser humano em geral, de sua vida intelectual, como hábitos ou estilos subjetivos de pensar, e por isso, julgamos que podem se manifestar como entraves a investigações eficazes e responsáveis nos sujeitos epistêmicos em suas atividades científicas. Em outras palavras, o dogmatismo, a negligência, o orgulho intelectual, o preciosismo, etc., correspondem a uma das origens da noção de *obstáculo epistemológico*, na medida em que se encontram ligados às condições psicológicas do agente epistêmico e que, pela natureza mesma dessas condições, atrapalham a busca da objetividade do conhecimento científico.

Consideramos que, por um lado, as análises de Cassam acerca dos *vícios intelectuais* podem melhor contribuir para o entendimento de como o sujeito estabelece valorizações subjetivas ou preferências individuais a respeito de ideias no campo das ciências, ainda que o autor tenha direcionado sua análise sobre o homem da vida comum e, por outro, que as análises de Bachelard a respeito dos *obstáculos epistemológicos* podem ampliar o entendimento relativo aos problemas que dificultam as investigações eficazes e responsáveis para além dos agentes epistêmicos da vida comum. Nesse sentido, é possível afirmar que *vícios* e *obstáculos* são conceitos complementares, que alargam nosso entendimento a respeito dos fatores psicológicos

que dificultam o processo de aquisição de conhecimento tanto na vida cotidiana como na vida científica.

### **3.1 UM EXEMPLO: OS *VÍCIOS INTELLECTUAIS* E O *OBSTÁCULO DO CONHECIMENTO GERAL***

Nesta parte do trabalho pretendemos especificar como os *vícios intelectuais* apresentados por Cassam (2016) possuem correlações com um dos obstáculos apresentados por Bachelard (1977), qual seja, o *conhecimento geral* (cf. *La formation de l'esprit scientifique*, cap. III).<sup>9</sup>

Segundo Bachelard (1977), o *conhecimento geral* como obstáculo ao saber científico possui a tendência de ocultar as reflexões acerca da experiência. Dessa forma, o sujeito do conhecimento generaliza de forma apressada e, portanto, sem a crítica necessária, uma ideia a respeito de um determinado fenômeno, e produz, como consequência, um conhecimento mal elaborado. A base para essa atitude epistêmica se encontra na crença em determinadas ideias tomada sem a crítica discursiva cujo fundamento é o hábito do agente epistêmico. “Nosso espírito tem a tendência irresistível de considerar como mais clara a ideia que costuma utilizar com frequência” (BERGSON apud BACHELARD, 1977, p. 15).

Dessa forma, o sujeito possui a tendência de considerar determinadas proposições científicas como absolutamente verdadeiras pelas quais ele parte para o processo de construção do saber. Bachelard (1977, p. 70) oferece diversos exemplos desses enunciados como: “todos os corpos caem”, “todos os raios luminosos se propagam em linha reta” e “os seres vivos são mortais” que, quando tomados sem a crítica, ocultam a experiência e atrapalham a construção do conhecimento, na medida em que as respostas já se encontram dadas. Essas proposições “seriam assim colocadas, no limiar de cada ciência, grandes verdades primeiras, definições intocáveis que esclarecem toda doutrina” (BACHELARD, 1977, p. 70).

---

<sup>9</sup> Acreditamos que a correlação entre *vícios* e *obstáculos* pode ser especificada entre os demais obstáculos destacados por Bachelard (1977). Escolhemos o *obstáculo do conhecimento geral* pelo fato de ele ser mais fácil de compreensão, o que facilita sua explicação por meio de poucas linhas, favorecendo, nesse sentido, a uma economia de espaço neste trabalho.

Bachelard dá o exemplo dos conceitos de *coagulação* e *fermentação* para os quais a generalização gerava uma infinidade de explicações acerca de fenômenos diversos (cf. Bachelard, 1977, p. 77-90). Dessa forma, a curiosidade do agente, tão cara às pesquisas científicas, já se encontra facilmente satisfeita, impedindo-lhe de avançar e aprofundar a experiência e criando obstáculo ao desenvolvimento do saber (Bachelard, 1977).

Para Bachelard (1977), quando a experiência perde seu estímulo por meio das generalizações prematuras, o conhecimento que se produz pode ser em grande parte considerado vazio. E o filósofo francês ainda destaca que é possível ocorrer generalizações de ideias originadas de outras ideias, nas quais a crítica também não foi aplicada, bloqueando, mais uma vez, o pensamento científico.

Se os *obstáculos* são de natureza psicológico-social, como dissemos, então não seria difícil pensar como o *obstáculo do conhecimento geral* pode se correlacionar com uma diversidade de *vícios intelectuais*.

Um cientista pode ser levado a estabelecer generalizações prematuras pelo fato de ele ser dogmático em relação às proposições científicas que aprendeu durante sua formação. Podemos ainda inferir, com base nas considerações de Battaly (2018), que o *conhecimento geral* pode ser resultado de uma “mente fechada” como uma falta de disponibilidade do agente epistêmico em se colocar em diálogo com as ideias controversas às suas no processo de pesquisa.

Da mesma forma, o pesquisador pode descartar ideias contrárias às suas ou ser negligente no processo de construção de conhecimento se pensa, sem a crítica, por meio das ideias de outros que ele acredita ser uma autoridade no assunto. Essas autoridades podem ser desde um gênio clássico afirmado pela história das ciências, como um Newton ou um Einstein, ou mesmo um pesquisador de sua época respeitável no assunto ou de cujas concepções são similares às suas.

Generalizações prematuras no âmbito das ciências também podem ser elaboradas pelo fato de o pesquisado ser genuinamente preconceituoso. Cassam (2016) diz que “o preconceito genuíno impede nossas investigações porque bloqueia a aquisição de conhecimento e enfraquece a conexão entre o que acreditamos e o que temos motivos para acreditar” (p. 168)

Ainda que os agentes epistêmicos das ciências possam apresentar performances epistêmicas que favoreçam a investigações responsáveis e eficazes na construção do conhecimento, pelo fato de passarem por um processo de instrução, o problema dos

*obstáculos epistemológicos* denuncia como esses sujeitos podem, subjetivamente, dificultar a busca da objetividade científica. Aqui, o problema dos *vícios intelectuais* parece ajudar a esclarecer como os fatores psicológicos, já contidos na noção de *obstáculo*, constituem-se como disponibilidades do agente epistêmico que favorecem ao uso ou elaboração de *ideias gerais* nos domínios das ciências instituindo perturbações no saber.

É bem verdade que nas ciências o debate crítico ou a crítica coletiva são elementos fundamentais para a construção de saberes objetivos e confiáveis, mas também é verdade que a crítica nem sempre se mostra suficiente para eliminar as causas e dificuldades que podem levar o pesquisador ao engano. Bachelard (1992) diz que “o próprio cientista, quando abandona seu trabalho, retorna às valorizações primitivas. Seria inútil, portanto, descrever, na linha de uma história, um pensamento que não cessa de contradizer os ensinamentos da história científica” (p. 6).

Isso quer dizer que a distinção que apontamos entre homem da vida comum e homem de ciência não pode ser considerada como diferenças radicais, e que não temos garantias para sustentar que a formação científica produzam necessariamente cidadãos epistêmicos modelos, um *homo philosophicus* (cf. Cassam, 2015). No entanto, é necessário considerar que a formação científica possui em potencial a formação de agentes epistêmicos eficazes e responsáveis.

Os seres humanos fazem parte de um mesmo mundo no qual permeiam as ideias de todos os graus e formas. O homem das ciências não é um ser estanque, isolado do mundo, ele coexiste junto a outros agentes epistêmicos que não são específicos das ciências. Ele convive no dia a dia com hábitos ou estilos de pensamentos que orientam processos epistêmicos viciosos, pois ele também faz parte da vida comum. Portanto, ainda que apontemos uma distinção entre sujeito da vida comum e sujeito da ciência nos estudos de Cassam (2016) e Bachelard (1977), não seria estranho supor que os agentes epistêmicos da cultura científica possam transplantar para a pesquisa vícios que se originam no ambiente em que vivem, como, por exemplo, a tendência em generalizar conceitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu demonstrar que a noção de *obstáculos epistemológicos*, de Bachelard, e o conceito de *vícios intelectuais*, de Cassam, podem ser relacionados. Ambos os conceitos, ainda que tratem de problemáticas distintas, trazem à luz a questão de como as disposições psicológicas do agente epistêmico podem interferir nas investigações responsáveis e atrapalhar o processo de construção do conhecimento.

Como os *vícios intelectuais* fazem parte da vida intelectual dos sujeitos em geral e os *obstáculos epistemológicos* possuem duas origens, a psicológica e a social, concluímos que a noção de *vício* apresentada por Cassam (2016) se relaciona com a origem psicológica da noção de *obstáculo* de Bachelard (1977). Essa constatação nos levou a inferir que o dogmatismo, a “mente fechada” (como falta de disponibilidade), a negligência, o preconceito genuíno, entre outros vícios, podem emergir na atividade científica.

As considerações bachelardianas, que se preocupam com as atitudes do homem de ciência, oferece-nos pouca especificação a respeito dos *modos* pelos quais as origens psicológicas dos *obstáculos* podem assumir. Por isso, consideramos que o conceito de *vícios* pode complementar o entendimento acerca da noção de *obstáculos* ao saber científico e, de maneira inversa, os estudos dos *obstáculos* podem ampliar as pesquisas acerca dos *vícios epistêmicos*.

Por fim, cabe observar que Cassam, assim como Bachelard, ressalta como é possível superar o problema a respeito da busca do conhecimento. Embora esse tema não seja o objetivo deste trabalho, discorreremos em breves linhas em nível de conclusão.

Em *Vice epistemology* (2016), Cassam oferece uma proposta de superação para os *vícios intelectuais*, que é o autoconhecimento. “Reconhecer os próprios vícios intelectuais e outros é uma forma fundamental de autoconhecimento” (CASSAM, 2016, p. 174). Contudo, o autor não desenvolve nesse trabalho suas concepções acerca de como pode ocorrer esse processo. Cassam ainda reconhece que a “epistemologia dos vícios” pode ser insuficiente para um indivíduo autoignorante, na medida em que ele “pode estar perfeitamente feliz em aceitar as ideias da epistemologia dos vícios, mas é claro que negará que elas se apliquem a ele” (CASSAM, 2016, p. 174). A sua obra como *Self-knowledge for humans* (2015) pode contribuir para um melhor entendimento

acerca das concepções do autor relativas à questão do autoconhecimento. Segundo Cassam (2015, p. 1), uma “descrição do autoconhecimento para os seres humanos precisa explicar um autoconhecimento substancial, bem como o autoconhecimento relativamente trivial que tem sido o foco da discussão filosófica”.

Bachelard (1977, 1992), por sua vez, apresenta a noção de *psicanálise do conhecimento objetivo* como a forma de tornar o sujeito da ciência consciente de suas convicções imediatas a fim de superar os *obstáculos epistemológicos*. O conceito bachelardiano *psicanálise do conhecimento objetivo* é pouco explicitado pelo autor e abre margem para diversas interpretações. Seguimos aqui a interpretação de Velanes (2018), para quem esse conceito bachelardiano se refere à atividade que ocorre dentro das comunidades científicas de por as ideias sob a análise discursiva, isto é, ao crivo da crítica coletiva. O autor explica que, “conforme Bachelard, é preciso ter certeza de que os estímulos subjetivos não sejam as bases da objetivação do conhecimento e, para isso, torna-se necessário o controle social, intersubjetivo” (p. 113). A ideia de *psicanálise do conhecimento objetivo* de Bachelard informa que o sujeito deve alcançar uma *catarse intelectual e afetiva* (cf. Bachelard, 1977, p. 24; 243). Dessa forma, ele deve se tornar consciente de suas convicções primeiras geradas pelo hábito que podem ser enganosas.

Em suma, ainda que por caminhos diferentes, as ideias de Cassam (2015, 2016) e Bachelard (1992, 1977) parecem concordar a respeito da indispensabilidade de que o agente epistêmico adquira um conhecimento a respeito de suas próprias convicções e ignorância, no sentido de evitar investigações epistêmicas viciosas ou obstaculizantes na aquisição do conhecimento.

## REFERENCIAS

- BACHELARD, G. (1977). *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: J. Vrin, 1977.
- \_\_\_\_\_. *L'engagement rationaliste*. Paris: PUF, 1972.
- \_\_\_\_\_. *La philosophie du non*. Paris: PUF, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Le nouvel esprit scientifique*. Paris: PUF, 1999.
- \_\_\_\_\_. *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard, 1992.
- \_\_\_\_\_. *L'activité rationaliste de la physique contemporaine*. Paris: PUF, 1965.
- BACON, F. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1999.



- BATTALY, H. Closed-mindedness and Dogmatism. *Episteme*, pp. 1-22, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1017/epi.2018.22>
- BULCÃO, M. *O racionalismo da ciência contemporânea: introdução ao pensamento de Gaston Bachelard*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.
- CASSAM, Q. Vice Epistemology. *The Monist*, n. 99, pp. 159-180, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Vices of the Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Homo philosophicus”. In: *Self-Knowledge for Humans*. Oxford Scholarship Online, 2015. DOI: <https://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199657575.003.0001>
- KELP, C. “The Status of Reflection in Virtue Epistemology”. In: SILVA FILHO, W. & TATEO, L. (orgs). *Thinking about oneself: the place and value of reflection in philosophy and psychology*. Dordrecht: Springer, 2019.
- KORNBLITH, H. “Epistemic Agency”. In: VARGAS, M. A. F. (org). *Performance Epistemology: Foundations and Applications*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- LECOURT, D. *L'epistémologie historique de Gaston Bachelard*. Paris, 1978.
- SANTOS, F. R. Vícios intelectuais, virtudes e investigação. In: *Revista Sofia*, vol. 7, n.1, pp. 147-162, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/sofia/article/view/19422>
- SANTOS, F. R. *Epistemologia e Virtudes Intelectuais: do Conhecimento ao Entendimento*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- SOSA, E. “Epistemic Agency and Judgment”. In: TURRI, J. & LITTLEJOHN, C. (orgs.) *Epistemic Norms*. Oxford : Oxford University Press, 2014.
- VADÉE, M. *Bachelard ou le nouvel idéalisme épistémologique*. Paris: Ed. Sociales, 1975.
- VELANES, D. *Gaston Bachelard e progresso do saber*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.
- \_\_\_\_\_. A crítica de Gaston Bachelard ao método cartesiano: o cartesianismo como um obstáculo epistemológico? In: *Revista Seara Filosófica*, n 14, pp. 1-19, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/view/10782>